

“... LIVRO PARA LER, NÃO PARA VER...” AS IMAGENS ESCRITAS E VISUAIS EM REINAÇÕES DE NARIZINHO

Denise Maria de Paiva Bertolucci*

Resumo

*O artigo apresenta um estudo sobre as imagens escritas e ilustradas presentes no livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Parte-se de um depoimento do próprio escritor em carta ao amigo Godofredo Rangel, escrita em 1931, em que é traçado o plano da composição do volume. O objetivo é apontar o cumprimento da intenção manifesta por Lobato a Rangel, especificamente quanto à primazia dada ao signo verbal em detrimento do não-verbal na obra em questão.*

Palavras-chave: Monteiro Lobato, *Reinações de Narizinho*, *Imagens Escritas*, *Imagens Ilustradas*.

Abstract

*The article presents a study about the written images and illustrated images in the book *Reinações de Narizinho*, by Monteiro Lobato. We initiate it with a declaration of the author in a letter to his friend Godofredo Rangel, written in 1931, in which Lobato reveals your plan about the composition of his book. The purpose is to show Lobatos' accomplishment, because he does exactly what he says to Rangel about the more intense use of the written images in *Reinações de Narizinho*.*

Key words: Monteiro Lobato, *Reinações de Narizinho*, *Written Images*, *Illustrated Images*.

I Palavras Iniciais

A longa correspondência de Monteiro Lobato com Godofredo Rangel, reunida nos dois volumes de *A barca de Gleyre*, traz os depoimentos do escritor sobre inúmeros aspectos de sua obra. Numa carta enviada ao amigo em 1931, o escritor afirma:

Tenho em composição um livro absolutamente original, *Reinações de Narizinho* – consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, com melhorias, aumentos e unificações num todo harmônico. Trezentas páginas em corpo 10 – livro para ler, não para ver, como esses de papel grosso e mais desenhos do que texto. Estou gostando tanto, que brigarei com quem não gostar. Estupendo, Rangel! (Lobato, 1957, p. 329).

Lobato traça o plano, vê-se, da composição de *Reinações de Narizinho*, indicando seus propósitos na preparação do livro para a publicação. As palavras do escritor inspiraram o desejo de verificar a compatibilidade de projeto e prática na edição de 1956 do volume, especificamente quanto aos recursos para a criação de figuras ilustradas e escritas. Este trabalho apresenta, pois, considerações sobre tal matéria, para que se demonstre a realização do intento manifesto pelo escritor.

A discussão que aqui se propõe insere-se na linha de estudos da obra infantil lobatiana que busca acompanhar e analisar a evolução da narrativa do escritor a partir das modificações empreendidas por ele em sua arte, reescrevendo e reformulando o texto matriz até atingir sua versão definitiva. Além da pesquisa da qual se originou este artigo¹, faz parte da citada linha de investigação, por exemplo, o trabalho de Jaqueline Negrini Rocha, *De caçada às caçadas: o processo de re-escritura lobatiano de **Caçadas de Pedrinho** a partir de **A Caçada da Onça***², de 2006.

2 “... Livro para Ler, Não para Ver...”

O trecho destacado do depoimento de Monteiro Lobato sobre a composição de *Reinações de Narizinho*, volume publicado em 1931, ressalta o desejo do autor de que seu livro seja fruído primordialmente como construção verbal. Essa idéia ainda mais se acentua quando se lê a continuação do depoimento: “... livro para ler, não para ver, como esses de papel grosso e mais desenhos do que texto.” Para além da crítica explícita à tendência de se privilegiar a imagem ilustrada em detrimento do texto escrito, impressiona a evolução do pensamento do escritor acerca das potencialidades das imagens sugeridas pelas palavras.

Isso é dito, porque no livro que marca o início da produção infantil lobatiana, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de 1920, a ilustração de Voltolino está presente em cada uma das 43 páginas, com 60 desenhos a três cores no todo. O próprio subtítulo dessa obra, Livro de figuras, já indica a participação intensa das imagens ilustradas. Também no livro *Narizinho Arrebitado*, de 1921, o trabalho do mesmo artista, Voltolino, soma 114 desenhos ao longo de 181 páginas. A respeito da presença importante da ilustração em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, é pertinente citar passagens da análise que Luís Camargo faz da arte de Voltolino para essa obra, no livro *Ilustração do livro infantil*:

Além das vinhetas³, do título, da editora (Edição da *Revista do Brasil*/ Monteiro Lobato & Comp.), da cidade (São Paulo) e do ano de publicação (1920), aparece [na página de rosto] um epíteto em forma de triângulo invertido (*cul-de-lampe*, ou fundo de lâmpada, para usar o jargão dos tipógrafos):

LIVRO DE FIGURAS
POR MONTEIRO
LOBATO COM
DESENHOS
DEVOLTO-
LINO

(...)

O projeto gráfico é variado, cada página parece ter um desenho próprio: ilustrações de quase meia página, vinhetas de mais ou menos $\frac{1}{4}$ de página, páginas com duas vinhetas alternadas, por exemplo, uma no canto superior direito e outra no canto inferior esquerdo, etc. (...)

Em alguns momentos, a ilustração apresenta uma linguagem tipicamente cinematográfica, como nas páginas 18-19, em que há uma passagem de um plano de conjunto para um plano de detalhe (Camargo, 1995, p. 58-60).

Camargo conclui a análise afirmando que, ao “desenhar para crianças, Voltolino não adapta seu desenho, não adocica nem angeliza seu traço.” Ao contrário disso, e como aponta o analista, a partir da citação de um crítico da *Revista do Brasil*, de abril de 1916, o desenhista conserva “forte espírito de sátira”, “funda impressão do ridículo”, “a espontaneidade de uma piada”⁴. É nítido, portanto, o relevo que os desenhos obtêm nos livros citados, ao contrário dos desenhos de *Reinações de Narizinho*. Nesse livro, desde a publicação, quando coube a Jean G. Villin (Azevedo, 1997, p. 315) o compromisso de orná-lo com litografias, a ilustração não aparece muito.

O ilustrador que se encarrega da edição de *Reinações de Narizinho* considerada nessa pesquisa, ou seja, a de 1956, é André Le Blanc, um haitiano que se educou nos Estados Unidos, morou no Brasil durante muito tempo e faleceu naquele país em 1998. Ele ilustrou praticamente a coleção infantil inteira de Lobato, que foi organizada pelo autor e publicada pela editora Brasiliense em 1947. Somente os dois tomos de *Os doze trabalhos de Hércules* foram ilustrados por outro profissional, J. U. Campos.

Luiz Antonio Luzio Coelho e Renata Vilanova Lima, estudiosos do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, são autores de uma comunicação sobre a ilustração de Le Blanc para o livro *Reinações de Narizinho*. De acordo com os pesquisadores, o artista enfrentou muitas limitações técnicas em seu trabalho de ilustrador da obra lobatiana no período entre 1944 e 1946, quando acompanhou o escritor. Citam, como confirmação, uma fala do próprio Le Blanc veiculada na *Revista Veredas*, do Centro Cultural Banco do Brasil,

de agosto de 1996: “O desenho tinha que ser o mais simples possível, em bico de pena, gravado em clichê de zinco ou de madeira, este ainda mais precário, e o papel de impressão não era grande coisa”⁵.

Na mesma obra, os autores (Coelho e Lima) ainda destacam, dentre as hipóteses geradas a partir da análise das imagens de *Reinações*:

Para construir uma linha, muitas vezes Le Blanc utilizava vários traços, o que caracteriza uma idéia de ainda construção, de esboço, propondo uma ilustração mais aberta, sugerindo ser completada – além de ser formada basicamente por traço, não havendo quase preenchimento da imagem. O humor em Le Blanc, assim como os aspectos infantis das fisionomias das personagens, aproximam a criança da ilustração. Isso, aliado às limitações técnicas da época, que proporcionavam impressões “borradas” e ilustrações em uma cor, sugeriam que a ilustração ainda estava inacabada. Isso justifica o fato de crianças se sentirem convidadas a interferir na imagem, colorindo-a.

Fernando Marques do Vale caracteriza o traço de Le Blanc como “solto e leve” (Vale, 1994, p. 122), numa consideração que concorda com o pensamento dos pesquisadores citados acima. É importante que se relacione o estilo do ilustrador com a proposta de Lobato manifesta no trecho de sua carta. Le Blanc, com seus traços imprecisos, límpidos, e com a parcimônia no número de gravuras destinadas ao volume – são vinte e quatro ilustrações e cinco vinhetas, distribuídas em 312 páginas –, é fiel ao desejo do escritor de criar imagens verbais muito mais do que visuais. A discreta ilustração de *Reinações*, enfim, parece estar no livro apenas para arejar o texto e fazê-lo sobressair, pois é o universo da palavra que ganha destaque absoluto.

3 As Imagens Visuais no Livro *Reinações de Narizinho*

Pelo motivo indicado acima, é muito interessante perceber o espaço que outros gêneros textuais escritos ganham dentro da narrativa. Por serem apresentados em caracteres tipográficos distintos daqueles do texto principal, de modo a dar a exata idéia de como circulam entre as personagens, adquirem o estatuto de ilustrações e ajudam a compor o projeto gráfico do livro. A **carta** é o principal deles, pois aparece mais vezes. A primeira missiva cujo conteúdo se apresenta aos receptores é a de Pedrinho, que, por escrito, avisa a avó de sua chegada e faz recomendações extensivas a todos os moradores do sítio. Acompanhe-se a passagem do livro com a carta:

Chegou afinal o grande dia. Na véspera viera para Dona Benta uma carta de Pedrinho que começava assim: “Sigo para aí no dia 6. Mande à estação o cavalo pangaré e não se esqueça do chicotinho de cabo de prata que deixei pendurado atrás da porta do quarto de hóspedes. Narizinho sabe. Quero que Narizinho me espere na porteira do pasto, com a Emília no seu vestido novo e Rabicó de laço de fita na cauda. E tia Nastácia que apronte um daqueles cafés com bolinhos de frigideira que só ela sabe fazer” (Lobato, 1956, p. 49-50).

A segunda carta apresentada é a de Rabicó. A partir dessa, usa-se o destaque do itálico para separar esse texto do restante da narrativa e se busca respeitar, cada vez mais, a apresentação do documento tal como foi escrito pela personagem. Atente-se para o modo como o leitão grafa as palavras, na tentativa desesperada de salvar-se de ser morto por Tom Mix:

Narizinho tomou a carta e leu:

Pesso-vos-lhe perdão da minha kovardia. Tommíques sta aqui amolando a phaca pra me matttar. Tenha ddó deste infeliz, que se assina, com perdão da palavra, criado amigo brigado

RABICO (Lobato, 1956, p. 65).

Uma libélula encarrega-se de entregar a carta à menina. A terceira missiva é escrita pela escrevente do mar, a Senhora Lula, a pedido do Doutor Caramujo. É redigida em nome de todos os peixes do mar e levada a Narizinho, dentro de uma concha de madrepérola, pelos peixinhos escoteiros. Pedrinho encontra o documento à beira do ribeirão e o conduz a sua destinatária. Leia-se o trecho da apresentação dessa carta:

Rasgou o envelope e leu:

Senhora!

A felicidade do Reino-das-Águas-Claras está nas vossas mãos. Nosso Príncipe perdeu-se de amores e só pode ser salvo se a menina o aceitar como esposo. Ou casa-se ou morre — diz o médico da corte.

Quererá a menina salvar este Reino da desgraça, compartilhando o trono com o nosso muito amado Príncipe?

(Assinado) Peixinhos do mar (Lobato, 1956, p. 100).

Afora as cartas, ainda se expõem o epitáfio da vespa que foi morta quando picou Narizinho; o convite da rainha das Abelhas para uma visita a seu reino, e o *borboletograma* de Emília com a resposta afirmativa; versos; o programa do circo montado pelas crianças, e o ingresso de \$1,00, feito especialmente para tia Nastácia e Dona Benta. Acompanhem-se as passagens em que tais modalidades textuais são acrescentadas à narrativa:

3.1 Epitáfio

Em seguida apareceu uma [formiga] trazendo um letreiro assim, que fincou num montinho de terra:

AQUI NESTE BURACO JAZ
UMA POBREVESPA ASSASSINADA
NA FLOR DOS ANOS
PELA MENINA DO NARIZ ARREBITADO.
ORAI POR ELA! (Lobato, 1956, p. 38)

3.2 Convite

Na véspera chegara um maribondo mensageiro com um convite assim:

*Sua Majestade a Rainha das... dá a honra
de convidar vocês todos para
uma visita ao seu reino.*

Como o papelzinho estivesse rasgado num ponto, havia dúvida se o convite era da rainha das Vespas ou da rainha das Abelhas (Lobato, 1956, p. 54).

3.3 Telegrama com a Resposta Afirmativa ao Convite (Borboletograma)

[Emília] Agarrou uma borboleta azul que ia passando e rabiscou-lhe na asa, com um espinho, o seguinte:

“Narizinho, a Condessa e o Marquês agradecem a honra do convite e prometem não faltar” (Lobato, 1956, p. 54).

3.4 Versos

E [Narizinho] dirigindo-se ao representante:

– O Senhor Marquês não escreveu ainda uns versos para a sua amada noivinha?

– Escreveu, sim – respondeu o Vidro Azul, metendo a mão no gargalo e sacando um papelzinho. Aqui estão eles.

E recitou:

*Pirolito que bate bate,
Pirolito que já bateu,
Quem adora o Marquês é ela,
Quem adora Emília sou eu (Lobato, 1956, p. 90).*

E o menino assim fez. Escreveu um lindo convite [para o espetáculo circense montado no sítio] numa folha de papel de seda, picou o papel em mil pedaços e subiu à mais alta pitangueira do pomar para jogá-los ao vento lá de cima. E jogou em verso, porque o Vento, o Ar, o Fogo e outras forças da natureza só devem ser falados em verso.

Vento que vento frade,

Estas cartas levade,

Norte, sul, leste, oeste,

E direitinho, senão...

Temos complicação! (Lobato, 1956, p. 233-234).

3.5 Programa do Circo Montado pelas Crianças

GRANDE CIRCO DE ESCAVALINHO

eqüestre e pedestre dirigido por

PEDRO MALAZARTE ESCAVALINHO DA SILVA

No Sítio do Picapau Amarelo

—————
A famosa Emília correrá no seu cavalo de rabo de pena

—————
O incrível homem que come fogo e engole espadas.

—————
O célebre palhaço Sabugueira

(rir, rir, rir ...)

A monumental pantomima O FANTASMA DA ÓPERA

—————
O espetáculo terminará com uma sensacionalíssima SURPRESA

Os espectadores terão direito a uma cocada ou um pé-de-moleque

da célebre doceira ANASTAZIMOVA

HOJE

HOJE

HOJE

VER PARA CRER

Preços: cadeiras: Um Cruzeiro; arquibancadas: 10 centavos

Observação: é expressamente proibido entrar por baixo do pano (Lobato, 1956, p. 232)

3.6 Ingresso de \$1,00, Feito Especialmente para Tia Nastácia e Dona Benta

C. de E.

Cadeira reservada\$1,00 (Lobato, 1956, p. 235)

Não há dúvida de que a idéia é proporcionar efeitos variados com as próprias palavras. A tendência ao figurativo e ao material é própria da linguagem lobatiana, já se sabe. Cabe falar ainda, reforçando a dimensão gráfica da palavra, de outros recursos ativados para simular diferentes tons de voz. É o caso da caixa alta para figurar a voz alta, gritada. Acompanhe-se o diálogo mantido por Narizinho e Emília tão logo a boneca começa a falar:

- Que boneco, Emília?
- O tal Polegada que furava bolos e você escondeu numa casca bem lá no fundo. Começou a procurar e foi sacudindo as cascas uma por uma para ver qual tinha boneco dentro. E tanto procurou que achou. E agarrou na casca e foi saindo com ela debaixo do cobertor...
- Da mantilha, Emília!
- Do COBERTOR.
- Mantilha, boba!
- COBERTOR. Foi saindo com ela debaixo do COBERTOR e eu vi e pulei para cima dela. Mas a coroca me unhou a cara e me bateu com a casca na cabeça, com tanta força que dormi. Só acordei quando o Doutor Cara de Coruja...
- Doutor Caramujo, Emília!
- Doutor CARA DE CORUJA (Lobato, 1956, p. 28).

Há também palavras escritas com hífen para figurar a fala pausada, mas com tom irônico. O principal exemplo está numa fala de Pedrinho, dirigida a Dona Benta:

- Que pena! – murmurou o menino fazendo bico. Não fosse a tal sa-be-do-ri-a da vida, que nunca vi

mais gorda, e hoje mesmo eu dava conta do livro e ficava sabendo toda a história do *Pinocchio*. Mas, não! Temos de ir na toada de carro de boi em dia de sol quente – *nhen, nhen, nhen...* (Lobato, 1956, p. 199).

Observe-se, na passagem abaixo, a utilização de um outro recurso gráfico, os asteriscos, na construção do sentido da fala de Emília:

– Quero ser a Condessa de Três Estrelinhas! Acho lindo tudo que é de Três Estrelinhas – a cidade de ***, o ano de ***, o duque de ***, como está naquele romance que Dona Benta vive lendo (Lobato, 1956, p. 36).

Perceba-se, também, como a cena da conversa de Emília com o cavalinho de madeira ganha um encanto especial com os pontos de interrogação nos turnos de fala dele. Os sinais indicam as manifestações do brinquedo, as quais só a boneca parece entender, numa situação bastante conhecida pelos pequenos leitores:

– Boa? Está muito enganado. Mais malvada que ela [tia Nastácia] só o Barba Azul. (...). Mata patos, mata perus, mata camundongos – não há o que não mate. Outro dia, no Natal, a diaba assassinou um irmão de Rabicó, tão bonitinho! Pegou naquela faca de ponta que mora na cozinha e – *fuct!* Enfiou dentro dele, até no fundo. E pensa que foi só isso? Está enganado! Depois pelou o coitadinho numa água bem fervendo e assou o coitadinho num forno tão quente que nem se podia chegar perto.

– ?

– Como não? Você não é melhor do que os frangos, perus e leitões. Essa é uma das razões por que quero ir-me embora: para tirá-lo daqui antes que a malvada o mate e asse no forno. Que pena não ser você grande como o cavalo de Tróia!...

– ?

– Para quê? É boa. Para dar um coice de Tróia no nariz dela (Lobato, 1956, p. 209-210).

O uso inovador do registro escrito, portanto, identificado na exploração de seu arranjo visual na página, ajuda os leitores a atribuírem significação ao texto.

4 As Imagens Escritas no Livro *Reinações de Narizinho*

A escrita convencional proporciona belíssimos efeitos figurativos. Trata-se, em primeiro lugar, do poder das imagens sugeridas pelas palavras nas descrições do livro. A descrição mais importante que se pode referir é, sem dúvida, a do vestido de casamento de Narizinho. O resultado estético obtido por Monteiro Lobato nesse especialíssimo trabalho lingüístico talvez seja impossível de ser alcançado num outro código artístico.

Leia-se a passagem:

Era um vestido que não lembrava nenhum outro desses que aparecem nos figurinos. Feito de seda? Qual seda, nada! Feito de cor – e cor do mar! Em vez de enfeites conhecidos – rendas, entremeios, fitas, bordados, plissés ou vidrilhos, era enfeitado com peixinhos do mar. Não de alguns peixinhos só, mas de todos os peixinhos – os vermelhos, os azuis, os dourados, os de escamas furta-cor, os compridinhos, os roliços como bolas, os achatados, os de cauda bicudinha, os de olhos que parecem pedras preciosas, os de longos fios de barba movediços – todos, todos!... Foi ali que Narizinho viu como eram infinitamente variadas a forma e a cor dos habitantes do mar. Alguns davam idéia de verdadeiras jóias vivas, como se feitos por um ourives que não tivesse o menor dó de gastar os mais ricos diamantes e opalas e rubis e esmeraldas e pérolas e turmalinas da sua coleção. E esses peixinhos-jóias não estavam pregados no tecido, como os enfeites e aplicações que se usam na terra. Estavam vivinhos, nadando na cor-do-mar como se nadassem n'água. De modo que o vestido variava sempre, e variava tão lindo, lindo, lindo, que a tontura da menina apertou e ela pôs-se a chorar. (...)

O mais lindo era que o vestido não parava um só instante. Não parava de faiscar e brilhar, e piscar e furtar-cor, porque os peixinhos não paravam de nadar nele, descrevendo as mais caprichosas curvas por entre as algas boiantes. As algas ondeavam as suas cabeleiras verdes e os peixinhos brincavam de rodear os fios ondulantes sem nunca tocá-los nem com a pontinha do rabo. De modo que tudo aquilo virava e mexia e subia e descia e corria e fugia e nadava e boiava e pulava e dançava que não tinha fim... (Lobato, 1956, p. 113-114).

A idéia de trabalho lingüístico singular apontada acima decorre da simultaneidade de percepções que a passagem proporciona. Não se tem apenas o efeito plástico, mas também o cinético, pois a intenção básica é dar a idéia do movimento incessante dos peixinhos coloridos e multiformes no vestido. É necessário dizer que Monteiro Lobato consegue isso, porque *anima* a exposição, principalmente nas comparações, e não descreve meramente o vestido, mas narra como Narizinho enxerga tamanha beleza:

Alguns [peixinhos] davam idéia de verdadeiras jóias vivas, como se feitos por um ourives que não tivesse o menor dó de gastar os mais ricos diamantes e opalas e rubis e esmeraldas e pérolas e turmalinas da sua coleção.

As algas ondeavam as suas cabeleiras verdes e os peixinhos brincavam de rodear os fios ondulantes sem nunca tocá-los nem com a pontinha do rabo. De modo que tudo aquilo virava e mexia e subia e descia e corria e fugia e nadava e boiava e pulava e dançava que não tinha fim...

Compreende-se, com tal empenho literário de Lobato, o que Anatol Rosenfeld afirma sobre a matéria em discussão:

Se Lessing recomenda, no ensaio acima citado [*Laocoonte*], a dissolução da descrição em narração porque a palavra, recurso sucessivo, não pode apreender adequadamente a simultaneidade de um objeto, ambiente ou paisagem (que a nossa visão apreende de um só relance), o que no fundo exige é a presença de personagens que atuam. Homero, em vez de descrever o traje de Agamenon, narra como o rei se veste, e em vez de descrever o seu cetro, narra-lhe a história desde o momento em que Vulcano o fez. Assim, o leitor participa dos eventos em vez de se perder numa descrição fria que nunca lhe dará a imagem da coisa (Candido *et al.*, 1963, p. 28).

Uma visualidade interessante, diga-se, e que igualmente envolve o leitor, é construída na apresentação das fábulas, transformadas pela presença das personagens principais do núcleo lobatiano. Essa presença, no caso, dá-se na forma da constituição de uma platéia que assiste, no País-das-Fábulas e ao lado do fabulista La Fontaine, ao desenrolar de grande parte do enredo de duas narrativas muito conhecidas, para finalmente interagir com as personagens dessas histórias. As fábulas referidas são “O lobo e o cordeiro” e “A cigarra e a formiga”. A linguagem narrativa dessa parte, pois, coloca as personagens das fábulas e suas ações como pertencentes a um teatro que é visto pelos seres lobatianos, pelo Senhor de La Fontaine e pelos receptores, os quais se irmanam aos espectadores ficcionais no acompanhamento das histórias. Leia-se uma passagem da primeira apresentação:

– É o lobo! – cochichou Peninha. Vai devorar o cordeirinho da fábula.

– Que judiação! – exclamou a menina com dó. Não deixe, Pedrinho. Jogue uma pedra nele.

– *Psii!* Fez Peninha. Não atrapalhem a fábula. O Senhor de La Fontaine lá está, de lápis na mão, tomando notas.

O lobo chegou-se para junto do carneirinho e disse, com a insolência própria dos lobos ... (Lobato, 1956, p. 261).

A manifestação da personagem Peninha é a típica reação do espectador que não quer nenhum empecilho para assim poder fruir a história encenada. Com tal modo de organizar o discurso, portanto, as personagens lobatianas e o leitor parecem estar prontos para ver, mais do que ler, as peripécias dos seres da fábula. A mesma impressão é construída na exposição da segunda fábula citada. Acompanhe-se um trecho desta:

Nisto a fábula da cigarra e da formiga principiou de novo.

– *Pss!* Fez o fabulista. Silêncio, agora. Vamos ver se é mesmo como eu escrevi.

Todos se calaram, imóveis em roda do formigueiro. A célebre cigarra tuberculosa, que tossia, tossia, vinha chegando, embrulhada no seu xalinho esfarrapado. Vinha de rastos, como quem está nas últimas, a morrer de fome e frio. Parando à porta do formigueiro, bateu – *toque, toque, toque*.

– Como ela bate direitinho! Murmurou Emília. Bate tal qual uma gente (Lobato, 1956, p. 268).

Emília parece mesmo elogiar a atuação da cigarra “atriz”, tão forte é a ilusão criada pelo discurso. No desenvolvimento dessa parte do livro, La Fontaine e a boneca intervêm e alteram os finais conhecidos das histórias. Antes que isso aconteça, contudo, o discurso desenvolvido no livro estudado simula uma recepção visual dessas fábulas pelas personagens lobatianas, renovando a forma de expor o conteúdo de velhas histórias.

Relaciona-se com essa análise, da linguagem narrativa lobatiana, a reflexão de Alice Áurea Penteado Martha

sobre a fábula apresentada em *Reinações*:

... em *Reinações de Narizinho*, com o auxílio do menino invisível e do pó de pirlimpimpim, elas [as crianças do Sítio] chegam ao país das fábulas para observar in loco, e com o acompanhamento do escritor francês, o desenrolar das desventuras da cigarra. Mas se ao ouvirem a fábula contada por Dona Benta as crianças apenas opinam, ali, no mundo das fábulas, a ação é que vai fazer a diferença. Também a estrutura desta narrativa é mais elaborada, uma vez que, num processo de “bricolage”, duas histórias caminham intercaladas: as aventuras das crianças fora do Sítio e os fatos da fábula tradicional (Martha, 2001).

5 Palavras Finais

A expressão escrita de uso inventivo e a linguagem narrativa sofisticada atingida por Monteiro Lobato, como se constata, compensam amplamente a presença exígua da ilustração em *Reinações de Narizinho*.

Privilegiando as possibilidades do signo verbal no diálogo com a criança, o escritor cumpre o propósito manifesto em sua carta a Godofredo Rangel: *Reinações* é, de fato, um *livro para ler, não para ver*.

A primazia dada às imagens verbais em detrimento das ilustradas não apenas mostra a compatibilidade de intenção e realização na obra em foco, como também confirma a maturidade de Lobato como ficcionista.

Notas

¹ Ver Bertolucci (2005), em cuja tese, passagens significativas do depoimento de Lobato a Rangel são tomadas para a realização de comentários e análises, dentre as quais se destacam o cotejo do volume com uma de suas versões preliminares, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de 1920, e o estudo da unificação dos episódios que compõem a obra enfocada. No paralelo e na investigação dos meios de integração mobilizados, apontam-se as melhorias e os resultados do esforço de coesão obtidos por Lobato no que diz respeito a temas, ao discurso, aos recursos lingüísticos, visuais, e à apresentação de personagens. A comparação e o estudo da unificação revelaram o aprimoramento da linguagem narrativa lobatiana e confirmaram a compatibilidade de intenção e realização no livro considerado. Complementa o trabalho a contribuição a uma possível indexação dos episódios ficcionais e das personagens do livro *Reinações de Narizinho*.

² Ver Rocha (2006). Esse trabalho mostra a transição da obra de 1924, *A caçada da onça*, para a de 1933, *Caçadas de Pedrinho*. No cotejo das narrativas, consideram-se os diferentes momentos em que foram escritas e se vinculam as versões à vida de Monteiro Lobato e ao contexto sócio-histórico brasileiro. O trabalho apresenta ainda uma análise dos aspectos formais e temáticos de

Caçadas de Pedrinho.

³ Como o próprio Luís Camargo (1995) elucida no volume citado, vinheta é “uma ilustração pequena, até cerca de ¼ do tamanho da página. Do francês *vignette*, pequena vinha, estes ornamentos representavam, na origem, cachos e folhas de videira, símbolo da abundância. Chama-se cabeção a vinheta que ocupa o alto de uma página de começo de capítulo. Vinheta final ou de remate é a que é colocada em fim de capítulo...” (p. 16).

⁴ O autor da crítica sobre Voltolino na *Revista do Brasil*, embora Camargo não cite, é alguém que usa o pseudônimo “N.”

⁵ A comunicação em foco foi feita na ocasião do XIV COLE – Congresso de Leitura do Brasil, e do II COHILILE – Congresso da História do Livro e da Leitura no Brasil. Os dois eventos aconteceram na Universidade de Campinas. A exposição, intitulada “Análise qualitativa de composição da personagem Emília nas ilustrações de Le Blanc para o livro *Reinações de Narizinho* – Literatura infantil de Monteiro Lobato”, consta do primeiro volume dos anais dos eventos citados. Por gentileza dos autores, Renata Vilanova Lima e Luiz Antonio Luzio Coelho, foi possível o acesso ao texto original da exposição, e as citações, portanto, são desse material.

Referências

AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Márcia Mascarenhas de Rezende; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Ed. do SENAC São Paulo, 1997.

BERTOLUCCI, Denise Maria de Paiva. *A composição do livro Reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato: consciência de construção literária e aprimoramento da linguagem narrativa*, 2005. 2 v., 594 p. Tese (Doutorado em Letras)–Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho/UNESP, Assis, 2005.

CAMARGO, Luís. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.

CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: FFCL/USP, 1963.

LIMA, Renata Vilanova; COELHO, Luiz Antonio Luzio. Análise qualitativa de composição da personagem Emília nas ilustrações de Le Blanc para o livro *Reinações de Narizinho* – Literatura infantil de Monteiro Lobato. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 14.; CONGRESSO DA HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA NO BRASIL, 2., 2003, Campinas. *Anais...* Campinas: UNICAMP, 2003. As coisas. Que tristes são as coisas consideradas sem ênfase... São Paulo:

Paulinas, 2003. v. 1, p. 32.

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

_____. *A barca de Gleyre*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957 (2º tomo), carta de outubro de 1931. (1ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Monteiro Lobato e as fábulas: adaptação à brasileira. 2001. Disponível em: <<http://www.cuatrogatos.org/7monteirolobato.html>>. Acesso em: 27 maio 2007.

ROCHA, Jaqueline Negrini. *De caçada às caçadas: o processo de re-escritura lobatiano de Caçadas de Pedrinho a partir de A Caçada da Onça*, 2006. 135 p. Dissertação (Mestrado em Letras)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

VALE, Fernando Marques do. *A obra infantil de Monteiro Lobato: inovações e repercussões*. Lisboa: PortugalMundo Editora, 1994.

Dados da autora:

Denise Maria de Paiva Bertolucci

* Doutora em Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/UNESP – e Professora de Prática de Ensino/Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Língua Inglesa das Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO

Endereço para contato:

Faculdades Integradas de Ourinhos, Fundação Educacional Miguel Mofarrej, Ourinhos

Rodovia BR 153 – Km 339 – Água do Cateto

19900-011 Ourinhos/SP – Brasil – Caixa Postal 105

Endereço eletrônico: ricbert@uol.com.br

Data de recebimento: 28 maio 2007

Data de aprovação: 6 set. 2007

Resolução A narradora afirma a respeito de As Rainhas de Narizinho , de Monteiro Lobato, que "Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E, completamente acima de minhas posses." Resposta: A FATEC em dezembro/ 2014. Leia o texto para responder às questões de números 50 a 53 . Felicidade Clandestina Clarice Lispector Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda  ramos achatadas. (...) Mas possuía o que qualquer crian sa devoradora de histórias gostaria d Rainhas de Narizinho - Volume 1 book. Read 9 reviews from the world's largest community for readers. Clássico da literatura infantil que vem atravessan...   Foi o primeiro livro que li, estava ainda aprendendo. E me conquistou pra sempre para o fascinante, vasto e rico mundo da escrita. Acho que na vida de todo leitor tem sempre aquele livro que o faz descobrir que ler   simplesmente fantástico e prazeroso e, no meu caso foi este. Tão-lo lido aos 6 anos foi especial pois nessa idade ainda temos aquela cren sa no fantástico. O Reino da  guas Claras, o Marquês de Rabic s, uma boneca e uma espiga de milho que falam, a Cuca, o Saci, o faz-de-conta, o p  de Foi o primeiro livro que li, estava ainda aprendendo. qual livro devo ler para minha Prima Taina que sofreu severamente recebido de minha mãe um castigo de 6 meses.   Não me veio na memória nenhum livro infantil que tenha abordado o tema castigo de forma direta. Creio que a maioria dos contos infantis fala disso, de uma forma ou de outra e atigem a experiência ou necessidade da crian sa, de maneira fantasiosa. Talvez seja melhor consultar em alguma livraria e, se demorar a encontrar, ajude-a a falar sobre o assunto e, se não for possível a forma direta, pe sa a ela para desenhar livremente e para lhe contar sobre o que desenhou. Se o que ocorreu a estiver incomodando ela, com certeza, dirá algo de sua própria história e voc a poderá conversar a respeito.